

A DINÂMICA DOS SERVIÇOS NA FRUTICULTURA IRRIGADA DO PÓLO PETROLINA-PE/JUAZEIRO-BA

Silva, Pedro C. G.da¹ (Embrapa Semi Árido, Brasil)

RESUMO

A fruticultura irrigada no pólo Petrolina-PE/Juazeiro-BA, conheceu uma expansão sem precedentes nas duas últimas décadas. O resultado do processo de reestruturação produtiva protagonizado por essa expansão, teve várias implicações na organização da produção e do trabalho. O desenvolvimento da atividade frutícola introduz novos elementos no sistema produtivo e cria outras atividades conexas, associados aos modernos padrões tecnológicos e a necessidade de uma maior agregação de valor aos produtos, que implicam numa crescente incorporação de serviços. O objetivo desse trabalho é descrever a evolução da dinâmica dos serviços, derivados da expansão da fruticultura na região.

Palavras chaves: serviços; agricultura, terceirização, fruticultura irrigada, pólo Petrolina-PE/Juazeiro-BA

1 - Introdução

O início de operação dos projetos de irrigação com a entrada em cena de colonos irrigantes, empresas agrícolas e agroindustriais, cria oportunidades de vários serviços na região. De acordo com OLIVEIRA et al. (1991), no período entre 1970-80, entre os segmentos alocados no setor de serviços que apresentaram maior taxa de crescimento, destacaram-se os grupos prestação de serviços, atividades sociais e administração pública. O primeiro deles, prestação de serviços, teve um crescimento anual da ordem

¹ Engº Agrônomo, M. Sc. Economia, Pesquisador da Embrapa Semi Árido, Doutorando do Instituto de Economia / Unicamp, Curso Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente.

de 6,57 % e 10,98%, respectivamente, nos municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, durante aquela década.

A prestação de serviços voltada para a agricultura irrigada do Pólo Petrolina-Juazeiro tomou um grande impulso nos anos 70, com a ampliação e instalação de várias firmas locais e de fora da região, desenvolvendo um leque diversificado de novas atividades de apoio à instalação de produtores e empresas agropecuárias. Tratavam-se de tarefas realizadas por empresas de serviços externos, anteriores ou ligados ao sistema produtivo da agricultura irrigada. Tais serviços envolviam imobiliárias, empresas de elaboração de projetos e assistência técnica, patrulhas mecanizadas, serviços de consultorias técnicas de profissionais liberais, assistência técnica prestada por firmas comerciais de insumos e equipamentos, entre outros serviços de menor expressão. A terceirização² de tarefas ou de fases do ciclo produtivo no interior das explorações ficava restrita às operações mecanizadas, tais como, preparo do solo (aração, gradagem, subsolagem), plantio e, raramente, tratos culturais e fitossanitários.

O processo de reestruturação produtiva protagonizado pela expansão da fruticultura no Submédio São Francisco, nas décadas de 80 e 90, provoca mudanças significativas na composição dos produtos cultivados, na base técnica de produção, nas estruturas da posse da terra e do emprego. Ocorre uma recomposição da pauta dos produtos agrícolas irrigados com a expansão da fruticultura em detrimento das culturas de ciclos curtos - cebola, melão, melancia, entre outras. Registra-se nessa transição um intenso processo de diferenciação dos agricultores e empresários, com uma sucessão da posse da terra (lotes dos perímetros e empresas) que resultou, assim, numa “seleção natural” e mudança completa do perfil dos agentes da produção. Entre esses, surgem as

E-mail: gama@bestway.com.br ou gama@cnptia.embrapa.br

² O conceito terceirização é aqui utilizado, nos termos proposto por LAURENTI (1996), para designar funções ou tarefas que compreendiam um elenco de atividades integradas à unidade de produção agrícola e passam a ser efetuadas por agentes externos a esta.

grandes empresas ligadas a vários grupos empresariais do mercado brasileiro e multinacionais, com estruturas administrativas modernas, e fruticultores profissionalizados substituindo aos agricultores irrigantes tradicionais, que na gestão da exploração da atividade frutícola combinam as mais diversas formas de contratos de trabalhos e serviços, envolvendo o assalariamento (permanente, temporário, por tarefa), parcerias, consultorias técnicas, terceirização de algumas etapas dos processos produtivos e de pós-colheita.

O processo de reestruturação produtiva e das relações de trabalho, vem acompanhado de profundas mudanças na base técnica de produção, que se refletem diretamente sobre a estrutura de emprego e renda da região. Por outro lado, as novas e mais avançadas práticas agrícolas que decorrem desse processo de reestruturação produtiva e as exigências para uma produção voltada para o mercado de produtos de qualidade, passam a exigir, cada vez mais, mão-de-obra qualificada e serviços especializados tanto no processo produtivo quanto nas atividades pós-colheita.

2 - Novos serviços derivados da atividade frutícola

O advento da fruticultura no pólo Petrolina-Juazeiro introduz elementos na atividade agrícola, associados aos novos padrões tecnológicos e a necessidade de maior agregação de valor aos produtos, que implicam numa crescente incorporação de serviços. Tratam-se de mecanismos de terceirização de determinadas fases produtivas e de atividades pós-colheita que se manifestam de formas diversas, nos diferentes tipos de unidades de produção frutícola.

2.1 - Serviços em torno da produção frutícola Serviços mecanizados

As tarefas mecanizadas que constituíam os principais serviços terceirizados na agricultura irrigada tradicional da região, passam por grandes mudanças qualitativas e quantitativas, com o advento da fruticultura. Algumas tarefas como preparo do solo (aração e gradagem), plantio e colheita (debulha de feijão, milho e arroz), são drasticamente reduzidas, enquanto outras, como, tratos culturais mecanizados, especialmente o roço para controle de ervas daninhas e abertura de drenos, tomaram maior vulto. Tal mudança na ordem de importância deve-se as características intrínsecas da fruticultura, principalmente aquela voltada para o mercado *in natura*.

Como culturas perenes, as fruteiras não requerem a renovação dos cultivos com frequência, dispensando a repetição de práticas como a aração, gradagem e a execução de plantio. Em compensação, mantém algumas práticas como a fertilização, correção do solo, pulverizações e incorporam outras tarefas antes inexistentes ou pouco freqüente nas culturas tradicionais, como poda mecânica e drenagem. Devido aos requisitos de padrão de qualidade, que exigem cuidados na manipulação das frutas, a mecanização da colheita não é praticada na fruticultura, embora reapareça nos *packing houses*, de forma restrita, nos tratamentos pós-colheita e acondicionamento de algumas frutas, como manga e goiaba.

Serviços técnicos especializados

O processo de reestruturação produtiva desencadeado pela fruticultura amplia a demanda por novos equipamentos e produtos calcados em tecnologias mais sofisticadas, abrindo um vasto campo para atuação de novas empresas de prestação de serviços. Entre os novos serviços mecanizados que apareceram recentemente, pode-se mencionar

a poda mecanizada das fruteiras, assim como, a automatização das práticas irrigação. A principal mudança na base técnica da agricultura irrigada baseada fruticultura, decorre da incorporação dos sistemas de irrigação localizados e de fertirrigação, automatizados.³

A partir dos anos 90, com a expansão da fruticultura, surge um elevado número de empresas especializadas na venda, representação e manutenção de equipamentos e acessórios de irrigação localizada. Atualmente, estima-se em doze o número dessas empresas que se instalaram no pólo Petrolina-Juazeiro. A expansão da irrigação localizada na região, também, dá origem à várias micro e pequenas firmas sem personalidade jurídica e serviços pessoais dedicados a instalação, fabricação, consertos e manutenção desses sistemas de equipamentos.

Além dos serviços prestados pelas empresas de equipamentos, também se destacam aqueles prestados pelos fabricantes, casas comerciais de insumos e seus representantes. A fruticultura abriu um grande espaço para diversificação da venda de insumos e produtos agrícolas. Além dos fertilizantes e defensivos em suas inúmeras formulações e formas de apresentação, inclui também o uso generalizado de fitohormônios, reguladores de crescimentos, antibióticos, entre outros. As firmas de produtos agropecuários dispõem de equipes técnicas especializadas que oferecem assistência técnica aos seus clientes, tendo como objetivo final a venda desses produtos. No extremo, essas firmas vendem alguns produtos, principalmente defensivos, e elas próprias se encarregam de fazer as aplicações no campo, como é o caso da aplicação do “Counter”, um produto utilizado no combate ao “moleque da bananeira”, que sob alegação de segurança na aplicação, são as próprias empresas que administram o produto na cultura.

³ De acordo com os dados da CODEVASF (1999), dos 32,3 mil hectares cultivados com frutas na região Submédio São Francisco, 11,7 mil hectares estão sendo irrigados através dos métodos de irrigação por microaspersão e gotejamento, ou seja, 36,3 % da área com fruticultura utiliza irrigação localizada.

Esses serviços estão igualmente disponíveis - embora nem sempre acessíveis - aos diversos estratos de unidades de produção, graças as empresas especializadas, sejam elas fabricantes, representantes ou revendedora de produtos agropecuários ou de equipamentos. Neste último caso são essas empresas que detendo a tecnologia, quase sempre importada, e equipe técnica própria, fazem os levantamentos nas unidades de produção, elaboram projetos e os submetem ao financiamento da agências financeiras, instalam os equipamentos, dão assistência técnica, capacitam os produtores e trabalhadores e fazem a manutenção dos equipamentos.

Serviços pessoais especializados

A fruticultura requer uma mão-de-obra especializada em várias tarefas que exigem habilidade e destreza dos trabalhadores. Algumas atividades são realizadas uma única vez e estão consumadas, o caso do plantio, enquanto outras são recorrentes no ciclo produtivo das culturas, como a poda, o desbaste e o raleamento de frutos.

Os mecanismos de terceirização na fruticultura tem sua maior expressão na contratação dessa mão-de-obra especializada de forma isolada, como “trabalho avulso”, ou em equipes de trabalhadores, para realização de determinadas tarefas do ciclo produtivo. Em alguns casos, consiste no emprego de mão-de-obra contratada por empresas externas, dotadas com equipes de trabalhadores especializados e de suas próprias máquinas ou ferramentas, que passam a executar as atividades, como a implantação das culturas (na uva, por exemplo, envolve: plantio, enxertia, tutoramento, construção do parreiral), ou na realização de práticas culturais, como a poda da mangueira, para as quais já existem empresas especializadas, prestando esses serviços.

Os fruticultores do pólo Petrolina-Juazeiro, especialmente aqueles voltados para o mercado mais sofisticados dos centros consumidores do País ou mercado externo,

perseguem sempre como objetivo, produzir com elevada produtividade, altos níveis de qualidade do produto e em épocas específicas para ocupar determinadas janelas de mercados. Conciliar estas três metas exige, não apenas o domínio das tecnologias disponíveis mas, principalmente, um manejo adequado das práticas culturais, como adubação e controle de nutrição das plantas, podas e aplicação de fito-hormônios. A utilização e combinação dessas práticas não se traduz num padrão tecnológico homogêneo que possa ser generalizado facilmente à todos os fruticultores da região, ou seja, requer conhecimento, sensibilidade e experiência técnica que não está ao alcance da maioria dos fruticultores da região. Daí porque muito deles recorrem a contratação de serviços de consultorias técnicas.

Os fruticultores recorrem às consultorias técnicas prestadas por profissionais especializados experientes, oriundos das instituições públicas de pesquisa, universidades, grandes empresas, de várias outras regiões do país e de outros países. São consultorias esporádicas ou permanentes sobre temas e práticas específicas ou por determinadas culturas. À esses profissionais competem a orientação técnica sobre o manejo das práticas culturais ou das culturas, quando não são transferidas para eles a responsabilidade da gestão e, as vezes, a execução de uma parte do processo produtivo, como por exemplo, o controle de fertilidade e nutrição das plantas. Vale ressaltar que essas consultorias não estão mais circunscritas as fases do ciclo produtivo e englobam as etapas de pós-colheita.

Novas parcerias na fruticultura

Algumas grandes empresas produtoras de uva da região Submédio São Francisco estão externalizando todo o processo de produção, adotando um sistema de parceria na qual dividem as áreas cultivadas com videiras em pequenos lotes e

concedem a exploração destes lotes para ex-funcionários (técnicos e trabalhadores), que passam a ser seus “sócios-parceiros”, em troca do pagamento de uma percentagem da produção.⁴ Trata-se, portanto, de um processo de terceirização em que as empresas transferem a “gestão integral” de todas as fases do ciclo produtivo da uva para os seus “sócios-parceiros”, dando origem a um novo tipo de organização do trabalho e da produção na região. Esse é um fenômeno recente que parece indicar uma tendência futura na região.

2.2 - Serviços nas operações conexas à produção de frutas

Os mecanismos de terceirização envolvem, principalmente, as operações conexas às atividades produtivas, cumprindo funções importantes para o desenvolvimento das unidades de produção frutícolas. Tratam-se de inúmeros serviços que se desenvolvem numa “área de sombra” formada na ligação ou interseção entre as esferas da produção e da distribuição de frutas. Na esfera da distribuição das frutas vários outros serviços são agregados visando, principalmente, a diferenciação dos produtos. Entretanto, a maioria deles só se concretiza no âmbito da grande e pequena distribuição, fora da região de produção. Cabe aqui assinalar apenas os serviços mais relevantes que se manifestam na região como dinâmica decorrente da expansão da produção de frutas *in natura*, interpondo-se entre os fruticultores e a distribuição.

Os serviços tradicionais da comercialização

Entre as modalidades de comercialização de frutas no Pólo Petrolina-Juazeiro merece destaque o esquema tradicional oferecido pelas cooperativas (CAJ e CAMPIB)

⁴ As novas parcerias que as grandes empresas produtoras de uva, como a Milano, Garibaldina e o Lote Fartura, estão fazendo com ex-funcionários já tomam vulto na região. Somente a Fazenda Milano, que tem uma área de 300 ha de uva, dividiu 200 ha destes com 73 parceiros.

e os serviços que são prestados por agentes de intermediação, com destaque para as operações de vendas em consignação. No primeiro caso, os fruticultores transferem às cooperativas a “gestão integral” da operação de comercialização. As vendas em consignação, é uma prática utilizada pelos fruticultores da região, individualmente ou através de suas associações. Aqui, talvez o caso mais relevante desse tipo de operação, seja o praticado pela Agroaliança - uma associação de fruticultores criada com o objetivo de comercialização da produção de seus filiados - que recorre a intermediação de uma firma comercial (“O Vizinho”) – para fazer chegar seus produtos aos grandes atacadistas da região Centro-Sul. Em todos os casos, os fruticultores confiam a operação de venda de seus produtos às associações, firmas ou agentes de comercialização, que cobram uma percentagem sobre o valor das vendas, por seus serviços. São funções do tipo informativa, físico e financeira (repasso e preparação dos pedidos, organização do transporte e pagamento das mercadorias).

Novos serviços em torno dos packing houses

Entre os vários serviços que aparecem como atividades conexas ao sistema produtivo e que refletem diretamente sobre os agentes produtivos envolvidos na fruticultura do Pólo Petrolina-Juazeiro, vale destacar, aqueles que vêm se desenvolvendo em torno das bases logísticas, em particular, nos *packing house* ou galpões de embalagem.

São várias empresas e comerciantes que adquirem as frutas juntos aos fruticultores na região e procedem o processo de seleção, classificação, etiquetagem e embalagem para venda aos atacadistas, supermercados e pequenos varejistas. Em alguns casos, são esses agentes que gestionam a colheita das frutas que compram, contratando mão-de-obra externa para, em seguida, proceder as etapas de transporte, manuseio pós-

colheita e atribuir uma marca própria aos produtos, que serão levados ao mercado. Tratam-se, normalmente, de agentes da intermediação que dispoem de infra-estrutura de transporte e de embalagem, estabelecem contratos com pequenas redes de supermercados, varejistas e casas comerciais especializadas, passando a abastecer diversos pontos localizadas no Nordeste e em outras regiões do país.

A partir de 1999, um novo serviço entrou em evidência na região. Trata-se do primeiro *packing house* comercial em operação, que disponibiliza a sua estrutura e seus serviços à exportação das safras de pequenos, médios e grandes produtores, para vários produtos da região. A administradora do *packing house* dispoem da estrutura logística para exportação, fecha os contratos com os distribuidores internacionais, estabelecem contratos de compra direta ou através de venda em consignação com os fruticultores. Depois realiza todas operações, desde a colheita ao manejo pós-colheita (tratamento, classificação, etiquetagem, embalagem, etc.), e procede os trâmites burocráticas e operacionais para o embarque da mercadoria.

Novos serviços ligados a logística de distribuição

Novos serviços visando a agregação de valor em benefício dos fruticultores estão sendo implantados no Submédio Médio São Francisco, a partir da iniciativa do setor privado, contando ou não com o apoio do setor público. A principal delas, sem dúvidas, é protagonizada pela Valexport visando a exportação através das suas câmaras setoriais (Brazilian Grapes Marketing Board - BGMB, Câmara da Manga, Câmara da Uva) e, mais recentemente, voltada à comercialização no mercado interno, por meio do esquema de leilões eletrônicos, com o recém implantado Sistema Integrado de Comercialização do Vale do São Francisco – SIC Vale.

Previsto para operar com quatro modalidades de comercialização (Relógio Eletrônico, Intermediações Especiais, Marketing Board e Balcão Eletrônico) o SIC Vale está operando, atualmente, apenas com o Balcão Eletrônico que visa concentrar a comercialização e melhorar as relações entre produtores e compradores atacadistas. Esta iniciativa conta com o apoio do setor público e se propõe a beneficiar, também, os pequenos produtores e reduzir a ação dos atravessadores na comercialização das frutas.

Ainda do lado da iniciativa privada, outro novo serviço relacionado a distribuição de frutas que acaba de ser inaugurado na região é a Central de Compras de Hortifrutigranjeiros do Vale – Cehot, vinculada a rede de supermercados Bompreço. Trata-se de uma tendência atual no sistema de suprimento de frutas, já adotado por grandes redes de supermercados, que passam a comprar diretamente dos produtores através de Centrais de Compras, para o abastecimento dos seus pontos de vendas. Normalmente, nesse tipo de contrato, cabe aos produtores embalar e entregar os produtos de acordo com as especificações dos compradores - os supermercados - que passam a determinar desde o que deve ser plantado até o manuseio das embalagens. São novos serviços incorporados como atividades conexas ao processo produtivo das frutas, mas ao contrário dos mecanismos anteriormente descritos, eles passam a ser internalizados na unidade de produção.

3 - Implicações e limites da terceirização na fruticultura

A terceirização de tarefas produtivas na fruticultura ocorre de diversas formas nos diferentes tipos de explorações, em função da própria natureza da tarefa, da estratégia de produção adotada na exploração e da escala de produção. Para realização de algumas práticas como drenagem, formação de mudas, construção de cercas, instalação de equipamentos e implantação das culturas, entre outras, as unidades de

produção, independentemente da sua dimensão ou categoria, quase sempre recorrem aos serviços de empresas externas e a contratação de mão-de-obra especializada. Tratam-se de tarefas, que uma vez realizadas, presume-se não ser mais necessárias durante o longo ciclo da cultura, portanto, não se justificam para as unidades de produção os investimentos em equipamentos específicos para realização dessa prática.

Para a realização de outras tarefas do ciclo produtivo (preparo do solo, tratos culturais e fitossanitários, correção do solo, etc.) os fruticultores, principalmente o grande produtor ou empresa, podem optar entre fazer investimentos em máquinas e implementos ou dispor de serviços prestados por empresas externas. Já para os pequenos fruticultores com pequena escala de produção e baixa capacidade de investimento, quase sempre, não justifica a aquisição de máquinas e equipamentos, porquanto, eles precisam recorrer às empresas especializadas ou a outros produtores - “os trabalhadores-equipados”⁵ - que prestam esses serviços. Neste caso, a terceirização das operações mecanizadas supre os problemas das economias de escala e permite a redução dos custos produtivos pelo acesso ao progresso técnico propiciado pela mecanização.

Essa mesma lógica, se aplica em relação a decisão de formar e manter equipes de trabalhadores especializados na unidades de produção, contratando-os como assalariados permanentes ou fazendo a opção por assalariados temporários, ainda que de forma complementar. Nesse caso, os fruticultores recorrem a contratação de trabalhadores isolados ou de equipes especializadas “ambulantes” que prestam serviços em várias unidades de produção, numa espécie de “rodízio”, como “trabalho avulso”. Tratam-se de serviços que envolvem mão-de-obra especializada em práticas delicadas

⁵ A grande maioria das tarefas mecanizadas terceirizadas pelos pequenos fruticultores é realizada por outros agricultores que dispõem dos equipamentos e realizam esse tipo de “trabalho à terceiros”. Tratam-se de uma categoria diferenciada de produtores, provedores desses serviços, que LAURENTI (1996) se refere como “trabalhador-equipado”.

como, raleio de botões florais e bagas, polinização, podas de produção, colheita, seleção, classificação, embalagem, entre outras, cujos resultados refletem diretamente na produção e, principalmente, na qualidade dos produtos. Tais serviços, envolvem um contingente significativo de trabalhadores, especialmente, as mulheres que demonstram habilidade para esses tipos de tarefas. Esse trabalhadores cumprem função importante de racionalização da força de trabalho na unidade de produção dos pequenos, médios e grandes fruticultores. Eles se diferenciam dos trabalhadores temporários não qualificados, do tipo “boia-fria”, mas estão igualmente marginalizados dos benefícios sociais e da legislação trabalhista.⁶

Os trabalhadores especializados e os “trabalhadores-equipados” ao lado dos serviços de consultorias técnicas - que embora restrito constituem-se um novo mercado de trabalho para profissionais da agronomia e áreas conexas - despontam entre os mais novos atores sociais implicados na atividade frutícola, que merecem ser considerados nas definições de políticas para o setor, principalmente, no que diz respeito a geração e difusão de tecnologias.

As condições de inserção produtiva da fruticultura do Pólo Petrolina-Juazeiro nas cadeias de suprimento nacional e internacional de frutas frescos, impõem desafios aos fruticultores e as instituições pesquisas, visando introduzir e adaptar novas variedades e controlar o ciclo fenológico das plantas para produzir nas épocas das janelas abertas pelo mercado. É preciso ampliar o ciclo produtivo e concentrar a produção nas épocas em que os principais mercados, importador e interno, estão desabastecidos.

⁶ De acordo com as informações prestadas pelo presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Petrolina, estima-se em 60 mil o número de trabalhadores rurais ocupados na atividade frutícola no Submédio São Francisco. Destes apenas 25 mil são permanentes e 35 mil são trabalhadores temporários. Desse total de trabalhadores 50% deles, ou seja 30 mil, tem carteira assinada e apenas 10 mil são sindicalizados.

O domínio das tecnologias visando a regulação do ciclo produtivo das frutas, constitui um dos principais objetivos perseguidos por empresas, técnicos e fruticultores. Estes quando detêm o domínio de um determinado arranjo de técnicas, com êxito, mantêm essa informação guardada com “sete chaves” e passa a utilizá-la como arma diante da concorrência ou fonte de renda para consultorias. Esse domínio de técnicas e tecnologias também é perseguido visando a qualidade e conservação pós-colheita das frutas.

Portanto, pode-se dizer que embora exista uma certa uniformidade nos padrões produtivos das frutas, os padrões técnicos ainda não são homogêneos e constituem-se num dos principais entraves à generalização de mecanismos de terceirização na fruticultura. Não obstante, seja a fonte principal da contratação de serviços de técnicos e profissionais especializados.

Outro fator inerente à produção frutícola irrigada nas condições tropicais semi-árida, que se contrapõe à generalização da terceirização, é a possibilidade de produção durante o ano inteiro com a quebra de sazonalidade do processo de produção e do trabalho agrícola. As condições climáticas aliadas à prática da irrigação e as técnicas de controle do ciclo fenológico das fruteiras, possibilitam o escalonamento desta ao longo do ano. Quando a estratégia da empresa ou do produtor é produzir durante todo ano, seja em função da manutenção de um fluxo monetário permanente na unidade de produção, seja pela necessidade de cumprimento de contratos comerciais, seja pela oportunidade de ocupação dos diferentes mercados (externo, nacional, regional ou local), é possível otimizar a utilização de equipamentos e mão-de-obra da própria unidade de produção. Por outro lado, a necessidade de controlar a qualidade dos produtos, evitar os riscos de transmissão de doenças via ferramentas ou implementos e,

ainda, de poder contar com determinados serviços mais especializados em momentos oportunos e a contento, não estimulam a utilização de serviços terceirizados.

4 - Considerações finais

O resultado do processo de reestruturação produtiva protagonizado pela expansão da fruticultura no pólo Petrolina-Juazeiro, teve várias implicações na organização da produção e trabalho. Pode-se dizer que a expansão da fruticultura, acompanhada do processo de automação de algumas práticas agrícolas, traduz-se numa redução do nível de empregos nessa atividade. Por outro lado, as exigências de uma produção voltada para o mercado de produtos de qualidade, passam a exigir, cada vez mais, mão-de-obra qualificada e serviços especializados tanto no processo produtivo quanto nas atividades pós-colheita (embalagem, empacotamento e classificação), em detrimento da mão-de-obra menos especializada. Todo esse processo foi acompanhado de mudanças nos processos de trabalho caracterizadas por um conjunto de inovações na organização da produção e do trabalho, dando origem as diversas formas de relações contratuais, que se manifestam sob forma de prestação de serviços e parcerias.

Os mecanismos de terceirização na fruticultura envolvem muitas empresas prestadoras de serviços, um grande contingente de trabalhadores qualificados vinculados a estas empresas ou prestando serviços por conta própria, um número significativo de técnicos, entre outros profissionais especializados. Tratam-se de novos atores sociais que precisam ser considerados nas políticas e ações voltadas para o setor.

Este processo de terceirização observado na fruticultura do pólo Petrolina-Juazeiro, não pode ser entendido como um fenômeno exclusivo dessa atividade, mas como uma tendência à flexibilidade verificada no conjunto da economia, nos domínios dos métodos de produção, dos contratos de trabalho, da fixação dos salários, das

relações inter-empresas, como também, estão relacionados ao aparecimento de novas estruturas flexíveis de comercialização e de distribuição.

Entretanto, fica ainda o questionamento sobre o caráter dessa flexibilização, nos moldes como vem ocorrendo na fruticultura irrigada da região, pois ela reproduz ou ressuscita formas atrasadas de relações de trabalho e produção, pela recriação de formas de parcerias e precarização das condições de trabalho, na medida em que leva um grande contingente de trabalhadores ao desamparo da proteção social e trabalhista. A flexibilização das relações de trabalho, quase sempre significa a perda de direitos garantidos como férias, décimo terceiro salário, repouso semanal remunerado, FGTS, licenças maternidade ou paternidade, entre outros. A informalidade nas relações de trabalho cria, portanto, um contingente de serviçais na fruticultura, encobertos sob o discurso de geração de empregos.

Esses serviços que se manifestam, cada vez mais, em todas as fases do processo de produção e agregando valor na esfera da comercialização e distribuição dos produtos transformam, paulatinamente, o pólo Petrolina-Juazeiro em um “pólo de serviços”, em detrimento do sonhado pólo agroindustrial, de viva memória nos planos de desenvolvimento regional.

5 - Bibliografia

CODEVASF. Cadastro Frutícola 1999 do Vale do São Francisco. Brasília, DF:

Pailazul Multimídia, 1999. CD.ROM.

LAURENTI, A.C. A terceirização na produção agrícola: a dissociação entre a propriedade e o uso dos instrumentos de trabalho na moderna produção agrícola paranaense. 1996. (Tese Doutorado) - UNICAMP. Campinas-SP. 210 p.

OLIVEIRA, A. C.; SOUZA, H. R. de; VERGOLINO, J. R.; GALVÃO, O. de A.;
ALMEIDA, J.; MELO, A. **Impactos econômicos da irrigação sobre o polo
Petrolina – Juazeiro**. Recife: UFPE/PIMES, 1991. 270p.